

Mansel Pierre Le Pucier +
Jandro Arnes de Barros.

(incomplete)

A raposa fue uarda
Lente + Pelajo Le
Patricio C/ Juaco

E mal pezado
S'tá na *confusão*.

E' um clamor geral
Do brejo até o sertão;
Só se fala nas rapozas
Fazendo augmentação,
Uns mordendo, outros mordidos,
E outros fasendo menção.

E nesse vae-e-vem
Não se tem abrigo
Para o castigo
Que do alto vem,
No Joazeiro tem
Mais mil mordidos
Fora os escondidos
Pelo Padre Santo
Que não faz espanto
Dos acontecido.

Essa praga começou
Devido a um nova-seita
Que estando num baile
Mandou pedir uma receita
Ao padre do Joazeiro
P'ra fazer dança perfeita.

O padre respondeu
Que o que elle queria
Breve chegaria.
E como prometeu
Não se arrependeu,

Fez sua oração
Com contrição
E muito fervor,
Com pouco o clamor
Encheu o sertão.

Tinha uma velha no Assu
Que curava todo o vivente,
A raposa appareceu lá
A velha passou-lhe o dente,
A raposa sahiu mordendo
Com veneno que nem serpente:

Ganhou o taboleiro
Damnada, correndo
E se mordendo
Em seu desespero,
Mordeu um vaqueiro
E um porco brabo,
Arrancou o rabo
De um novilhote,
E deu um pinote,
Levou o diabo.

Bem perto de Carapebas
Estava um samba formado,
Ha dois dias que dançava
O povo muito animado,
Quando uma raposa entrou
E fez um sarceiro damnado.

Quando foi chegando
Logo no terreiro,

Mordeu o porteiro
E foi avançando,
Doida, escumando
Para o toucador,
E um dançador
De castanhola
Partiu a viola
Naquelle horror.

Correu gente na capoeira
Que nem preá em macambira,
Saia ficou em mulambo,
Camisa ficou em tira,
Arceira p'ra um desses
Era molle como embira.

Mordeu uma grelha,
Um côco furado,
Um banco quebrado.
Ali uma velha
Levanta a guedelha,
Salta o bahù,
Morde um tatù,
E uma gallinha
E a bacurinha
De um tal Mandú.

Perto d'ali 10 leguas
Ficou o mato empestado;
Calangro mordia rato,
Sapo mordia veado,
Maracajá mordeu porco,
Lagartixa mordeu gado.

E o nova-seita
Que estava dansando,
Foi logo avançando
P'ra banda direita,
Mordeu uma sujeita
De um beiradeiro,
Partiu o candieiro,
Estalou o dente
E de repente
Foi aquelle escumeiro.

Uma velha tinha um filho
Ha oito annos doente
Em cima de uma cama,
Gemendo damnadamente,
Depois de mordido ficou
Mordendo que nem serpente.

Pulou do girau,
Mordeu o esteio,
Pegou o correio,
Um tal Vencelau,
E um Nicolau
De Barro dos Reis
E mais um freguez
Chamado Camillo
E um tal Murillo
Mendes Cortez.

Do Assú para o Jardim
A mordedeira é igual,
De Macáu ao Seridó
Não escapou um curral

E tudo isso por cauza
Da Nova-Seita infernal.

Um bode doente
Mordeu um poldrinho,
E este um vizinho
Da mãe do agente,
Ahi nesse entre
A velha saltou,
Firmou-se e inguiçou
A cerca de arame
Com tanto vexame,
Que descadeirou.

A velha ficou no chão
Sem poder se levantar,
O que passava por perto
Ella tentava pegar
E quando nada mordia
Se damnava p'ra rosnar.

Dopoís criou aza
E se levantou,
Primeiro pegou
O povo de casa,
Mordeu uma braza,
Um tição de fogo,
Um pinto com gogo,
Um tejuassú,
Dalli p'ra o Assù
Não teve mais rogo.

Mordeu um tal seu Toinho
E este ficou damnado

Mordendo o povo na rua
De modo desesperado,
Que onde o dente passava
Ficava o rombo formado.

E desembestou
Doido e mordendo,
O povo dizendo,
A desgraça chegou,
Elle alli tomou
Rumo da estação,
Mordeu um irmão
D'um tal Porfirio,
E este com um tiro
Botou-o no chão.

E assim desta maneira
O sertão está empestado,
Tanto gente como bicho
Tudo está amolestado,
O povo não come carne
Nem de caça e nem de gado

Que anno de guerra
Carestia e peste,
Aqui no agreste
Desgraçou a terra,
O povo berra
Contra a lagarta,
Ninguem se farta
Só com o dinheiro,
E do Joazeiro
Ninguem se aparta.

UM MOTTE

Glosas feitas pelo poeta Leandro Gomes n'uma occasião em que esteve em Guarabira, a um negro d'alli.

Negro não devia ter
Nem a agua do baptismo.

GLOSAS

Dinheiro, gosto, prazer,
Saude, paz, amisade,
Logar na sociedade
Negro não devia ter,
Pois nasceu para soffrer
As torturas do abysmo.
Era até um heroismo
Que se tinha a registrar,
Se não lhe quizessem dar
Nem a agua do baptismo.

Negro só deve saber
Plantar roça e cortar canna,
E fóрма da raça humana
Negro não devia ter,
Como não devia ver
Da fortuna nem o dizmo,
Acho ser um despotismo
E acto de excomunhão,
Negro não tem de christão
Nem a agua do baptismo.

Eu ouvi meu pae dizer,
Productos da sua lavra,
Que o grande dom da palavra
Negro não devia ter;
Essa nota eu vim colher
Do povo do carrancismo
Que dizia sem civismo:
Negro não tem o que dar,
E não devia gozar
Nem a agua do baptismo.

Pouco ou nada pode ser
Essa alma triste e impura,
Nem a mesma sepultura
Negro não devia ter,
Porque depois de morrer
Suja o fundo do abysmo.
Esse diz com egoismo:
O Padre que o baptisou
Foi bruto, não respeitou
Nem a agua do baptismo.

Leandro.



PELEJA DE PATRICIO

— « COM » —

Ignacio da Catingueira

Patricio—Me chamo José Patricio
Da Siqueira Patriota,
Dou tapa que arranca dente,
Dou murro que descangota,
Cantador que vem a mim
Só pode contar derrota.

Ignacio—Me baptisei por Ignacio,
Por alcunha Catingueira,
Me criei no Piancó
Mas aprendi no Teixeira,
Fiz mais de dez mil carniças
Logo ao subir da ladeira.

Pat.—Ignacio, canta com geito
Que eu não sou de brincadeira,
Eu torço braúna velha,
Faço faxo de aroeira,
Piso pedra no pilão,
Faço pó de catingueira.

Ign.—Patricio, você se engana,
Cuidado mais na carreira,
No sertão que você foi
Nunca nasceu aroeira,
Deus o livre que você
Vã por sonho á Catingueira.

Pat.—Ignacio, eu vou te avisar,
Fazer-te uma caridade:
Meu braço tem muito peso,
Meu genio rigorigade,
Se me cahires nas unhas
Encontras barbaridade.

Ign.—Patricio, eu já sou passado
E um passado não se illude,
Eu nunca encontrei um pezo
Que por grande não me ajude,
Queira Deus no fim da cousa
Seu pensamento não mude.

Pat.—Você parece que entende
Que eu já sirvo é de brinquedo,
Eu zombo de tempestade,
Curisco a mim não faz medo,
Você espere a desgraça
Que ella ha-de chegar cedo.

Ign.—Seu Patricio, se acomode
Que o sr. não é leão,
O leão mesmo é feroz
Mas um dia perde a acção,
Um homem dá cabo d'elle,
Mata-o ou bota o na prisão.

Pat.—Nada tenho a ver com isto,
Pouco me importa o leão,
Quando nasci, a parteira
Gritou: nasceu um Sansão.
Mandaram ver minha sina,
Tinha os signaes de Roldão.

Ign.—V. Mercê tem Sansão
Como objecto ou modelo,
Um homem que sua força
Toda estava num cabello,
Leia o livro de Roldão,
Veja agora o desmantello...

Pat.—Sansão teve muita força,
Roldão foi rei dos guerreiros,
Pois não pode exceder elle
Nem mesmo o proprio Oliveiros,
Sendo o homem mais temido
Dos lutadores primeiros.

Ign.—O sr. tem estes homens
Como uma admiração,
Parece que fica ancho
Quando se falla em Sansão,
Para mim o mais valente
Foi o que matou Roldão.

Pat.—O' negro, não me repliques,
Senão com pouco eu me agasto,
E se eu sahir dos limites
Cae um pedaço de astro,
De teu couro faço mala,
Dos ossos cama de lastro.

Ign.—E eu pretendo fazer
De seu couro um cinturão,
Das canellas dois cacetes,
Dos braços mão de pilão,
Da cabeça uma panella,
Do pescoço um botijão.

Pat.—Ignacio, estás esquecido
Do que te fez seu Romano?
Pois eu agora te provo
Que ainda sou mais tyrano;
Te deixo cego 6 mezes
E aleijado mais de um anno.

Ign.—Romano nada me fez
Pois teve medo de mim,
Valeu-se da escriptura
Para poder dar-me fim,
Teve medo que ficou
Tão branco que só marfim.

Pat.—Ignacio, abre o teu olho,
Que eu já tenho projectado
Antes de sahir daqui
Fazer de ti um guizado,
E eu nunca fiz um calculo
Que não visse o resultado.

Ign.—Eu convidei 3 pessoas
Para comer um mestiço,
Um delles foi Ugolino
Que é mestre de meu officio:
Já convidei muita gente
Para almoçar de Patricio.

Pat.—Ainda um meu inimigo
Da minha carne não compra,
Se você meter-se nisso
Encontra um mulato estrompa,
Meu couro è de aço secco,
Não ha metralha que rompa.

Ign.—Para mim se torna molle
É macio que só gomma,
Não ha aço por ser forte
Que a ferrugem não o coma,
Ainda que você se valha
Do padre santo de Roma.

Pat.—Ignacio, tu foste escravo,
Não tiveste educação;
Sempre o commum do escravo
E' nunca ter criação,
Pois quer tomar liberdade
Com o senhor ou o patrão.

Ign.—Seu Patricio, eu fui escravo
Porem tive estimação,
Uma senhora que eu tive
Andou commigo na mão,
O sr. não nasceu livre?
Que é de sua educação ?

Pat.—Meu pae era um homem pobre,
Não me podia educar,
Porem aprendi a ler,
Perfeitamente a contar,
Não tenho traços de negro,
Se vê logo onde eu fallar.

Ign.—Como tem o couro preto
E o cabello pixahim ?
Os dentes alvos e largos,
Gengivas rôxas assim ?
Nas cores somos iguaes,
Está mui perto de mim.

Pat.—Sou moreno, reconheço,
Meu cabelo é pixahim,
Porem homem neste mundo
Não deu dinheiro por mim;
Não és tũ que teus avós
Vendidos tiveram fim.

Ign.—Seu patricio, esta me obriga
A ficar muito agastado,
Eu ouvir chamar moreno
A cõr de café torrado! ?
Seu avõ veio ao Brasil
Para ser negociado.

Pat.—Ignacio, eu sei que conheces
Os nossos ante-passados,
Tratemos sò na moderna,
Esqueçamos os atrazados,
Acabemos a discussão,
Ficaremos descançados !

Ign.—Isto assim é outra cousa,
Eu não lucto sem motivo,
O sr tambem esqueça
O povo que foi captivo,
Quem tem defunto ladrão
Não falla em roubo de vivo

Leandro Gomes de Barros



AVISO



Aos professores e negociantes de artigos para escolas taes como livros em todos os generos e de autores adoptados, ardosias, crayons, lapis, papel para escripta e para desenho, mata borrão, tintas para aquarella e de escripta, compassos e lapis para desenho, giz escolar, cadernos de calligraphia vertical e americana, noções de desenho, series de Alinhavos para trabalhos manuaes, borrachas, furadores para papel, palhêtas para instrumentos, giz marca "Elephante" para bilhar, caixas de papel e centos de enveloppes, boletins escolares, cadernos para dictado e todos mais artigos concernentes á livraria, encontramse á venda na

"Livraria do Povo"

RUA 7 DE SETEMBRO N.º 17

Guarabira

FOLHETOS DE LEANDRO GOMES DE BARROS

A VENDA EM GUARABIRA NA

Livraria do Povo

- A Força do Amôr
A morte de Alonso e Vingança de Marina
A Filha do Pescador
Historia de Rosa e Lino. (O mal em paga do Bem)
A Viça e o Testamento de Canção de Fôgo
A Mulher roubada
O Principe e a Fada
Hist. da Donzella Theocora
Hist. de Branca de Neve
Hist. de João da Cruz
O Boi Mysteroso
O Cachorro dos Mortos
Os soffrimentos de Alzira
O Reino da Pedra Fina
A India (Hist. de Caboclo Brabo)
A Orphã
A vingança de um Filho
A vida de Pedro Com
A vida completa de João Lezo
O Nascimento de Antonio Silvino
A vida e os Sermões do Padre Cicero
Batalha de Ferrabraz
A Prisão de Oliveiros } Tiradas do livro de Carlos Magno

NOTA

Devido a alta do preço de papel todos os folhetos de ora em diante serão também impressos em alta no preço.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).